

Influência de Variáveis Sociais sobre um Fenômeno Semântico-Discursivo

*Maria Alice Tavares**

ABSTRACT: We deal with the function which we designate "seqüenciação retroativo-propulsora", which is responsible to the establishment of a link between a past statement and a future one. We analyse the codifier forms of this function, aí, daí, então and e, as variants, trying to verify how they are affected by social factors. Our results show tendencies of use of aí, daí, então and e in different social contexts and allow us to assume the hypothesis of change in progress.

RESUMO: Tratamos da função de seqüenciação retroativo-propulsora, responsável pelo estabelecimento de uma ponte entre um enunciado passado e um futuro. Analisamos suas formas codificadoras, aí, daí, então e e como variantes, verificando como se dá a influência de fatores sociais sobre o seu emprego. Os resultados mostram tendências de uso de aí, daí, então e e em contextos sociais diferenciados e nos permitem aventar a hipótese de mudança em andamento.

Key-words: variation; social factors; change in progress.

Palavras-chave: variação; fatores sociais; mudança em progresso.

* Universidade Federal de Santa Catarina

1. A seqüenciação retroativo-propulsora

Aí, daí, então e *e* são bastante recorrentes na fala, como atestam as entrevistas do Banco de Dados do Projeto VARSUL. Esses itens lingüísticos desempenham diversas funções, algumas das quais em comum, como a anáfora temporal, a anáfora discursiva, a conexão entre orações e partes maiores do discurso, uso em que atuam como seqüenciadores, adversativos e aditivos (cf. Tavares, 1999). Delimitamos como objeto central deste estudo variacionista uma das funções conectivas de *aí, daí, então* e *e*, a seqüenciação retroativo-propulsora de informações na fala. Temos por objetivo verificar se há influência de condicionadores de natureza social relativamente a um fenômeno lingüístico de âmbito semântico-discursivo. E se houver tal influência, como ela se dá?

A seqüenciação retroativo-propulsora é responsável pelo estabelecimento de uma ponte entre um enunciado passado e um futuro, servindo o primeiro de base para o que será dito no segundo. *Aí, daí, então* e *e* conectores seqüenciadores geram a expectativa de que algo novo será posto no discurso, em continuidade e consonância com o já dado. A seqüenciação retroativo-propulsora é uma função mais geral, que engloba as seguintes subfunções:¹

a) Seqüenciadores temporais: Seqüencializam temporalmente eventos, introduzindo-os na ordem de ocorrência no tempo (valor de *a seguir, depois*), isto é, indicam que o evento B acontece depois do evento A:

(1) Faz a massa, *DAÍ* deixa crescer um pouco. *Daí* faz uma bolinha, depois recheia com catupiri, fecha, deixa crescer. (FLP 07J, L 1014)

b) Introdutores de efeito: Introduzem informações que representam conseqüência, conclusão ou resultado em relação ao que foi dito anteriormente (valor de *por isso, portanto*). Con-

¹ Ressaltamos que todos os conectores são empregados em todas as subfunções seqüenciadoras, mas, por uma questão de espaço, optamos por colocar apenas um exemplo de cada subfunção.

sideramos a introdução de efeito como pertinente à seqüenciação retroativo-propulsora, estando a idéia de seqüência embuída na relação de precedência da causa sobre a conseqüência.

(2) Eles botaram ela assim num monte de aparelhos, sabe? *Aí* ela deu uma melhorazinha. (FLP 03, L 1222)

c) Finalizadores: Introduzem uma oração que marca o final de um tópico ou subtópico. Geralmente, ocorre em tal oração a presença de elementos anafóricos (como "isso", "essa", etc). Seguem-se os exemplos:

(3) F: Ela até tinha um irmão que tocava, tocava bandolim. E ele gostava muito de serenata, então diz que amanheciam na rua fazendo aquelas serenatas.

E: Mas era qualquer pessoa?

F: É, mas decerto não iam, assim, na casa de um amigo, né? Os moços faziam pras namoradas. *E* era assim. (FLP 15, L 978)

d) Seqüenciadores textuais: Assinalam a ordem seqüencial pela qual as informações são apresentadas e desenvolvidas no texto, indicando a progressão destas para frente (valor de *dando seqüência, continuando*). Atuam, assim, como retroativo-propulsores do discurso,² introduzindo uma nova idéia ou argumento numa exposição argumentativa ou introduzindo um evento em uma narrativa. A informação que os seqüenciadores textuais introduzem não manifesta relação temporal ou de conseqüência/conclusão, sendo simplesmente encadeada com o que foi dito anteriormente no

² Duas são as características básicas, comuns a todos os seqüenciadores retroativo-propulsores: a retroação e a propulsão, a que se acrescentam especificidades que determinam os subtipos de seqüenciadores: ordenação temporal = seqüenciador temporal, idéia de conseqüência ou conclusão = introdução de efeito, etc. Aquele que estamos denominando "seqüenciador textual" é somente retroativo-propulsor, não acrescentando outra idéia ao discurso além da continuidade: o que será dito depois dele relaciona-se ao que foi dito anteriormente, tratando-se, por exemplo, de mais um argumento para levar a certa conclusão ou de mais um evento relacionado ao tema tratado.

sentido de ser mais um evento ou argumento que se relaciona com informações já dadas. Exemplos:

(4) Jogo do Palmeiras, esse que teve agora, o Palmeiras Júnior, não dos grandão não, dos adolescentes que tem Júnior, teve aquela briga, que tem um garoto do Palmeiras em coma, levou [uma <pau->]- uma paulada. E tem outro também que está sendo procurado porque deu uma paulada na cabeça de outro rapaz. Outro rapaz está com os lábios enormes, enorme, está com um negócio enfaixado na cabeça. (FLP 05J, L 1179)

e) Retomadores: Seguidamente o assunto em curso na fala é interrompido por digressões de proporções variadas. *Aí, daí, então* e *e* seqüenciadores retomadores recuperam o assunto assim interrompido, permitindo sua continuação. É possível que, no processo de retomada, a informação reapareça de forma literal, ou com a alteração de alguns vocábulos, ou apenas seja recolocada em foco pelo apontamento para trás realizado pelo conector, sem haver seu resgate textual. Quando a digressão é longa, pode ser caracterizada como um novo tópico. Neste caso, o seqüenciador retomador atua como reintrodutor do tópico interrompido.

(5) *Aí* elas espiaram pelo buraquinho da porta, apagaram a luz de dentro de casa, { que era luz de querosene, e eles tratavam pomboca, aquela lamparina grande eles tratavam pomboca, porque não tinha luz elétrica. } *Aí* elas apagaram a tal de pomboca e *aí* ficaram espiando, assim, pela janela, diz que era [um]- [umas]- umas sete mulheres, uma vestida de branco, [outra]- outras sem roupas pegando uma canoa. (FLP 08, L 505)³

Com o estabelecimento da função seqüenciadora retroativo-propulsora, agrupamos empregos de *aí, daí, então* e *e* como seqüenciadores temporais, introdutores de efeito, finalizadores, seqüenciadores textuais e retomadores. O que motiva esse agrupamento é a existência de uma forte interligação entre as

³ O símbolo {, acrescentado nos exemplos por nós, marca o início da digressão feita por F, e } marca o seu final.

cinco subfunções da seqüenciação, o que impede sua diferenciação categórica. Na classificação de diversos de nossos dados não podemos afirmar, por exemplo, que se tratavam unicamente de introdutores de efeitos, pois não raro a introdução de efeito é fortemente marcada pela idéia de seqüenciação temporal, como em (6). Também não podemos afirmar que muitos conectores eram unicamente seqüenciadores textuais, pois a seqüenciação textual pode se confundir com a seqüenciação temporal ou com a introdução de efeito ou com ambas, como em (7).

(6) Ela olhou pra mim, eu gostei dela, *Aí* ficamos namorando. (FLP 04, L 693)

(7) Então teve que dar os terrenos pras pessoas que ele teve uma ("falta"). Então tu vê, o pai voltou a nada. E o meu avô era tratorista da prefeitura há muito tempo. Se aposentou pela prefeitura. *ENTÃO* ele ensinou a profissão de tratorista pro pai. *Aí* o pai começou trabalhar como tratorista e começou a levantar tudo novamente. (FLP 13, L 756)

Este estudo aborda um fenômeno semântico-discursivo, uma vez que consideramos como seqüenciadores retroativo-propulsores tanto os *aí, daí, então* e *e* que atuam em nível oracional quanto os que atuam em nível textual. Os conectores oracionais interligam duas orações, promovendo, com nexos coesivos, a organização da estrutura frástica. Os conectores textuais ligam porções maiores do discurso, desde um nível mais próximo ao oracional à introdução de novos tópicos na conversação. Salientamos que é difícil especificar o nível de atuação dos conectores, por haver gradualidade entre o nível oracional e o nível textual mais amplo, a introdução de tópicos. Assim, há vários casos de conectores ambíguos quanto a serem oracionais ou textuais. Exemplos de *aí, daí, então* e *e* em ambos os níveis de atuação podem ser observados acima e com maior detalhe em Tavares (1999).

2. Quadro teórico

Quando duas ou mais formas desempenham as mesmas funções, podem, por hipótese, ser tomados como variantes linguísticas. Dentre as funções de *aí*, *daí*, *então* e *e*, delimitamos a seqüenciação retroativo-propulsora a fim de tratarmos suas formas codificadoras como variantes. Para estudar os empregos variáveis de *aí*, *daí*, *então* e *e* conectores, valemo-nos da Teoria Variacionista, cujo objeto é a língua em uso, que se caracteriza como fenômeno dinâmico e variável (Labov, 1972:xiii). Essa variabilidade é regular, podendo ser sistematizada e analisada quantitativamente, com base no controle de grupos de fatores condicionadores passíveis de contribuir para a seleção de uma ou outra das formas variantes que disputam determinado emprego.

Nos estudos variacionistas iniciais, desenvolvidos no campo fonológico, Labov realiza uma das principais descobertas da sociolinguística, ao comprovar que diferenças de formas (diferenças de pronúncia, como em /tia/ e /tʃia/), consideradas até então como imotivadas e livres, são portadoras de significação social ou estilística, isto é, têm seu uso condicionado por fatores sociais como sexo, idade, escolaridade, e/ou pelo estilo (uma escala de estilos de mais formal a menos formal). Ou seja, as formas variantes são idênticas quanto à referência e valor de verdade, mas se diferenciam quanto à significação social e/ou estilística.

Logo tentativas de estender a análise variacionista para campos diferentes do fonológico foram efetuadas. Uma vez comprovada a existência da variação sistemática e quantificável na fonologia, por que não averigüá-la em outros níveis linguísticos? No entanto, as tentativas de extensão do modelo para além da fonologia encontraram fortes dificuldades na questão da manutenção do significado das formas alternantes. Em níveis não fonológicos, seria possível postular que dois ou mais elementos se constituem em várias maneiras de dizer a mesma coisa? Não seria o caso de termos duas formas diferentes dizendo coisas diferentes?

Lavandera (1978:07-08) aponta que alternantes não fonológicas têm cada uma significado referencial distinto. Sendo assim, uma vez que a variação pressupõe duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa, seria inviável sua ocorrência fora dos limites da fonologia. Além desses limites, os resultados deveriam ser tomados apenas como artifícios heurísticos, podendo-se inclusive tratar como "equivalentes" casos como "Por favor, feche a janela.", "Está frio aqui.", "Como você consegue ficar sem casaco?". Temos aqui, então, duas possibilidades de estudos: alargamento, com o relaxamento da exigência de manutenção de mesmo significado, chegando-se inclusive a tratar de casos de estruturas ligadas a uma mesma intenção comunicativa, mas não necessariamente de mesmo significado; ou restrição ao nível fonológico, pressupondo-se a variação sociolinguística propriamente dita, com alternantes portadoras de diferenças de significado de natureza sócio-estilística, mas não de significado referencial.

Labov (1978:02) rejeita ambas as propostas de Lavandera. Por um lado, discorda que unidades não fonológicas possuam cada uma um significado, definindo "significado" como "estado de coisas": dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas possuem o mesmo significado referencial. Caso nos restrinjamos a significado referencial assim definido, teremos facilitado o tratamento de formas além da fonologia, pois, se as variantes, mesmo apresentando nuances de sentido ou traços pragmáticos distintos, referirem-se ao mesmo estado de coisas, tendo, então, o mesmo significado referencial, poderão ser tratadas dentro da teoria variacionista como formas equivalentes.

Rejeitando, por outro lado, a idéia de alargamento do significado, Labov (op. cit., 08) substitui os conceitos de significado social e estilístico por, respectivamente, função de identificação do falante (como o falante estabelece sua identidade por meio da fala) e função de acomodação ao ouvinte (como o falante modela sua fala tentando se adequar ao ouvinte). Assim, toda variável possui um significado: o referencial, e duas funções: identificação e acomodação. O autor salienta que a igual-

dade de significado referencial é que é o básico para a seleção das variantes. Os métodos da sociolinguística variacionista são precisos e confiáveis quando as variantes são duas formas com o mesmo significado. Quando enveredamos pelo caminho da escolha entre formas para cuja interpretação necessitamos fazer inferências, os resultados são inconclusivos.

Lavandera (1978:09) menciona também outro problema: diversos estudos em torno de variáveis não fonológicas concluíram que algumas formas não carregam significado estilístico ou social, isto é, não há grande efeito em seu uso por parte de condicionantes externos, sendo sua escolha motivada apenas por fatores lingüísticos. Conseqüentemente, tais formas não seriam variáveis sociolinguísticas, mas sim lingüísticas. Todavia, segundo Labov (1978:13), ao realizar estudos em sociolinguística, não estamos presos aos efeitos dos fatores sociais, que podem não ter efeito algum. A sociolinguística é "sócio" não necessariamente porque lida com fatores sociais ou estilísticos, mas porque vê a língua como fenômeno social.

É possível seguir outro percurso que não o da análise de um fenômeno de contornos gramaticais bem definidos, mas de domínios mais abrangentes, procurando-se, por exemplo, investigar como um mesmo processo se manifesta através de expressões distintas, inclusive considerando-se como variantes itens de diferentes domínios gramaticais. Seguindo essa linha de pesquisa, fenômenos como causa, reiteração, seqüência, indeterminação, modalização, entre outros, começam a ser abordados sob uma perspectiva variacionista (Paredes da Silva, 1991:40; Braga, 1991:96), podendo se considerar aqui também a nossa seqüenciação retroativo-propulsora. Como tais investigações mantêm o princípio da variação, a quantificação dos dados, o controle dos fatores sociais e a exigência de as construções possuírem o mesmo significado, são pertinentes à teoria laboviana.

3. Procedimentos metodológicos

3.1. Delimitação da variável: a questão do significado

As regras variáveis implicam a existência de formas lingüísticas variantes, que são diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, isto é, o significado referencial do que é dito deve ser mantido, embora mude a forma de dizer. Qual é o significado de um conector? "Se partículas como preposições, artigos e conectores têm significado (e se têm, que tipo de significado) tem sido um ponto de discussão desde a antigüidade" (Dik, 1968, apud Schiffrin, 1987:188). Os conectores não se relacionam ao universo biossocial, mas à articulação interna do texto: interligam segmentos da frase ou do texto. Desse modo, não têm em si um significado referencial. Schiffrin (1987:09) aponta que "Mecanismos coesivos em si não criam significado; são pistas usadas pelos falantes e ouvintes para encontrar os significados que subjazem aos enunciados de superfície."

A questão está em se os conectores acrescentam algo ou são meramente traços redundantes que refletem relações semântico-discursivas já existentes. Ou seja, se podem induzir à busca de conexões que sem sua presença não seriam inferidas ou a preferir uma interpretação entre outras possíveis, ou se simplesmente servem para ressaltar o que poderia ser percebido sem sua presença. Qual é a contribuição do contexto discursivo e qual é a contribuição do significado da palavra em si? Assumimos que os conectores têm valores semânticos que restringem o que pode ser conectado, valores esses que interagem com o significado das unidades conectadas. Eles definem "(...) a orientação que o falante imprime à natureza do elo seqüencial entre as entidades textuais" (Risso, Silva e Urbano, 1996:57). Os conectores são pistas que o falante fornece acerca de como deve ser interpretada a relação entre as idéias, tentando guiar o ouvinte para determinada conclusão.

É claro que a presença do conector não elimina a ambigüidade na interpretação da relação entre as informações inter-

ligadas,⁴ mas sem dúvida a reduz, permitindo a distinção de matizes semântico-discursivos. Isso torna as relações entre as informações mais precisas, diminuindo, assim, o número de relações semântico-discursivas possíveis de serem estabelecidas. Afinal, não encontramos um determinado conector em qualquer lugar. *Então* não é adversativo, mas não é introdutor de efeito, por exemplo. Alguns, como *aí* e *e* são mais polifuncionais, sendo usados em um número mais extenso de funções no plano da articulação (cf. Tavares, 1999), mas ainda assim não servem para cobrir todas as funções possíveis.

O significado de um conector não é léxico-referencial, mas sim relacional: fornece indícios de como deve ser entendida a relação entre determinadas informações. E qual o significado relacional de *aí*, *daí*, *então* e *e* enquanto conectores que os permite ser empregados em certos contextos semântico-discursivos em detrimento de outros contextos e que nos permite dizer que podem ser empregados paralelamente? É o valor de indicar um ponto passado, localizado para trás no discurso e, ao mesmo tempo, de indicar um ponto futuro, que se relaciona com o primeiro por se seguir a ele. Ou seja, um valor que direciona para frente, para a continuação do texto, evidenciando que o que foi dito anteriormente é uma fonte de informações para o que será dito depois: o significado é "retroativo-propulsor".

O significado retroativo-propulsor se confunde com a própria função dos conectores, a seqüenciação retroativo-propulsora, pois ambos, significado e função de itens conectivos, são de natureza relacional. Trata-se então de um significado-função. Como *aí*, *daí*, *então* e *e* seqüenciadores retroativo-propulsores têm o mesmo significado-função, podem ser tomados como variantes.

A seguir, apresentamos seis exemplos, divididos dois a dois (cada dupla foi utilizada pelo mesmo informante), que demonstram o uso variável dos conectores seqüenciadores re-

troativo-propulsores. Além da possibilidade de intercambiabilidade entre os conectores sem alteração de seu significado retroativo-propulsor e sem alteração do valor referencial das informações interligadas por eles, a semelhança dos contextos ressalta o uso variável das formas:

- (8) (...) ele viu que não tinha jeito, ficamos naquele (hes)- E ele: "Vou ficar." "Não, tu não vais ficar." E ele: "Eu não vou." (FLP 03, L 741)
- (9) Ou às vezes a gente vinha com o outro carro que se parava mais ali embaixo. *Aí* ele: "Ah, porque assim não dá, porque não sei o quê." (FLP 03, L 800)
- (10) Os outros soldados foram, que era uma expedição, né? com soldados e tudo, foram pra casa, e ele ficou, né? E esse *aí* foi um filme que me marcou. (FLP 01J, L 790)
- (11) Tem outra figura junto lá também que eu não sei o nome, mas é muito engraçado, né? **ENTÃO** esses três filmes *aí* marcaram assim. (FLP 01J, L 818)
- (12) Mas o que eu tenho me debatido, e isso eu acho que, pelo menos dentro do que eu imagino esteja defendendo realmente o interesse da cidade, é que o desenvolvimento do turismo não prejudique o florianopolitano. **ENTÃO** nós já assistimos (hes) ao longo dos anos, o prejuízo que o florianopolitano teve com isso, até por falta de esclarecimento. [O]- [a] (hes) a população (hes) nativa, do interior da Ilha, não foi alertada pra isso, não foi educada pra isso. E hoje nós assistimos várias famílias (hes) nativas de Florianópolis na miséria porque venderam [o seu]- as suas terras por preços insignificantes, né? (FLP 21, L 691)
- (13) E também (hes) tenho debatido que se dê atenção ao turismo, que se faça tudo pelo turista, mas que não se esqueça os florianopolitanos. E ao longo dos anos nós temos assistido isso, embora eu tenha sido embora uma voz quase que isolada, mas tenho me debatido sobre isso. E é comum chegar, principalmente na época da temporada de verão, que a atenção é toda ao turista, e o florianopolitano- Fica as ruas sem capinar, sem limpeza e sem atenção. (FLP 21, L 711)

3.1 Seleção das variantes

A investigação de um fenômeno variável pressupõe a definição da alternância básica: o que varia com o que. A busca de formas que conservem o mesmo significado no mesmo con-

⁴ Como exemplo de ambigüidade mencionamos a que resulta do contínuo entre as funções conectivas de *aí*, *daí*, *então* e *e*, como a seqüenciação temporal e a introdução de efeito. Muitas vezes é difícil definir se o conector é seqüenciador temporal ou introdutor de efeito.

texto não é uma tarefa simples no âmbito da sintaxe-discurso, pois não raro o que à primeira vista parecia “o mesmo”, depois de uma análise mais acurada, revela diferenças. Portanto, faz-se imprescindível a delimitação criteriosa das variantes pelo estabelecimento de restrições de naturezas diversas, com o intuito de barrar possíveis formas concorrentes à variação que possam se caracterizar como casos duvidosos ou mesmo como não variantes. Uma vez definida a função seqüenciadora retroativa-propulsora como nossa variável dependente, estipulamos alguns critérios para selecionar suas variantes e restringir casos de formas concorrentes à variação, isto é, usos não seqüenciadores de *aí*, *daí*, *então* e *e* que, no entanto, poderiam ser confundidos com estes. São quatro critérios: seqüencialidade, continuidade e consonância, posição e substituição.

a. Seqüencialidade: Os seqüenciadores retroativo-propulsores indicam sucessão temporal e/ou textual, introduzindo informações que manifestam relação de seqüencialidade relativamente a informações anteriores. Casos em que não ocorre tal relação são, portanto, descartados. Um desses casos é o dos anafóricos temporais, sujeitos a serem confundidos com os conectores seqüenciadores quando ocupam a posição inicial da frase. O evento descrito na frase encabeçada pelo *aí* ou pelo *então* anafórico temporal é concomitante ou anterior a um evento passado, e não seqüencial. Vejam-se:

- (14) Então quando eu estava [muito]- muito despenteada, [aí]- *Aí* o meu primo cantava assim: “Um dia, certa vez lá em Curva, dançando na rua, disseram que a J. era arrepiada.” (FLP 01, L 1308)
- (15) Apareceu na segunda feira. *Aí* eu já tinha vindo do serviço, estava passando uma vassoura na casa. (FLP 03, L 713)
- (16) A gente pegava um pauzinho, fazia que era um revólver, *Aí* começava a atirar um no outro. (FLP 18, L 1232)

Em (14), *aí*, com valor de *nesse momento*, indica a simultaneidade temporal entre dois eventos: “estava muito despenteada” e “o meu primo cantava assim”. Em (15), também com valor de *nesse momento* (o momento em que alguém apareceu),

indica que o evento “eu já tinha vindo do serviço” é anterior a “apareceu na segunda feira” e que “estava passando uma vassoura na casa” é simultâneo. Diferentemente, em (16), *aí* introduz um evento (“começava a atirar um no outro”) que se sucede temporalmente aos eventos anteriores (“a gente pegava um pauzinho, fazia que era um revólver”), ou seja, é um seqüenciador retroativo-propulsor.

b. Continuidade e consonância: Muitos dos empregos dos conectores adversativos são seqüenciais - os eventos ou argumentos contrapostos sucedem-se temporalmente ou textualmente. Todavia, estes, ao contrário dos conectores seqüenciadores, transmitem a idéia de contraste, e não de continuidade e consonância entre uma informação dada e uma que está por vir. Por essa razão, não incluímos dados como (17) e (18) em nossa amostra:

- (17) Se já tinha morrido lá, já estava lá, [era assim]- nem precisava isso, né? Era só liberar, né? *Aí* não podiam liberar sem o médico chegar. (FLP 03, L 1349)
- (18) (...) o sonho dele vai ser quando [uma]- uma menina entrar na Marinha. Ah, ele acha lindo! Imagina, né? Acha lindo, diz que o uniforme é maravilhoso, *E* ninguém quer nem saber. (FLP 01, L 1383)

c. Posição: A posição ocupada por *aí*, *daí*, *então* e *e* como conectores que apontam simultaneamente para frente e para trás no seqüenciamento de informações é a posição de margem esquerda, isto é, entre o final de uma sentença ou parte maior do texto e o início de outra, em 100% dos nossos dados. Há alguns poucos usos do *aí* em posição não inicial, mas não se tratam de usos seqüenciadores e sim de anafóricos temporais, como em (19), em que *aí*, que poderia ser confundido com um introdutor de efeito, refere-se, na verdade, ao momento em que o médico diz “nós já fizemos de tudo, mas...”.

(19) *Aí* ele disse: "Ó, M., o problema é o seguinte: eu quero te prevenir porque dessa noite essa menina não passa." Eu disse: "Pô, mas porque A.? O que que está havendo que não se descobre? Não é possível não se descobrir." "Não, M., nós já fizemos de tudo, mas- (...) E eu *Aí* fiquei meio cabisbaixo, né? Já tinha três filhos, né? Que era o M., o R., [e a <ma->]- e a M. E tinha essa que depois de sete anos- (FLP 23, L 1161)

d. Substituição: Através da substituição verificamos a impossibilidade de usar o *e* no início de uma oração conseqüente antecedida de uma oração condicional, não havendo restrições para o uso de *aí*, *daí* e *então* em tal contexto. Cremos que isso se deva ao fato de o conector que introduz a conseqüente ter uma forte carga anafórica ou mesmo ser um anafórico temporal, com valor de *nesse momento*, ou ser um anafórico discursivo, com valor de *nessa situação/nesse caso*. Tais dados foram descartados da análise variacionista. Alguns exemplos:

(20) Se ela tentasse dançar, *Aí*/*e o pau comia. (FLP 15, L 1082)

(21) Agora, se tu fores uma patroa boa, *DAÍ*/*e tu dás, né? (FLP 03J, L 1602)

(22) Se chovia, *ENTÃO*/*e e a um fim de mundo, né? (FLP 24, L 1408)

Os *aí*, *daí*, *então* e *e* seqüenciadores retroativo-propulsores de informação podem ser substituídos entre si sem que haja alteração do sentido referencial das proposições que conectam, nem alteração do significado retroativo-propulsor que carregam. As subfunções semântico-discursivas desempenhadas também permanecem as mesmas.

3.2 O corpus e a análise quantitativa

Para a realização desta pesquisa, utilizamos dados referentes ao *corpus* da região urbana do município de Florianópolis, um dos *corpora* integrantes do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul). Analisamos trinta e seis entrevistas de trinta e seis informantes, distribuí-

dos homoganeamente em relação às variáveis sociais sexo, idade e escolaridade:

Quadro 1:

Distribuição dos informantes de acordo com as células sociais

	FEMININO			MASCULINO		
	15 a 24 anos	25 a 49 anos	+ de 50 anos	15 a 24 anos	25 a 49 anos	+ de 50 anos
Primário	2	2	2	2	2	2
Ginásio	2	2	2	2	2	2
Colegial	2	2	2	2	2	2

Como os conectores seqüenciadores retroativo-propulsores *aí*, *daí*, *então* e *e* são bastante recorrentes na fala, consideramos apenas os trinta minutos finais das entrevistas, que têm cada uma cerca de sessenta minutos de duração. Obtivemos, após a eliminação dos casos que não passaram pela seleção das variantes, um total de 2922 dados, assim distribuídos:

Quadro 2:

Distribuição dos dados

	<i>aí</i>	<i>daí</i>	<i>então</i>	<i>e</i>	TOTAL
Freq.	781	201	675	1265	2922
%	27%	07%	23%	43%	100%

A fim de analisar os contextos favorecedores de cada uma das formas codificadoras da seqüenciação retroativo-propulsora, empregamos o programa VARBRUL (Pintzuk, 1988), que fornece o peso relativo dos fatores de cada variável independente (ou grupo de fatores condicionadores) em relação à variável dependente, indicando a influência de cada um desses fatores sobre o uso de cada uma das variantes. Efetua também a seleção estatística dos grupos de fatores por ordem de relevância. Realizamos rodadas binárias distintas do programa

considerando cada variante como aplicação da regra, *versus* as demais.⁵

4. Análise dos condicionamentos sociais sobre o uso de *aí*, *daí*, *então* e *e*

As variáveis independentes sociais controladas são expostas na seguinte ordem: idade, sexo e escolaridade, observando-se nessa ordenação o critério de iniciar pelo grupo selecionado para o maior número de variantes, bem como o critério de seguir a ordem de relevância decrescente das variáveis, conforme a seleção do pacote VARBRUL. A idade foi selecionada como relevante para todos os seqüenciadores, o sexo para *aí*, *daí* e *então* e a escolaridade para *aí*, *então* e *e*.

4.1 Idade

Partimos da hipótese de que informantes mais jovens (de 15 a 24 anos) empregam mais o *aí* e o *daí*, ao passo que os informantes de mais idade empregam mais o *então* e o *e*. Essa hipótese se motiva no fato de *aí* e *daí* costumeiramente serem considerados formas de menor *status*, em especial o *aí*, conforme aponta Abreu (1992:11): "Constatamos ser muito freqüente o uso da partícula *aí*, característica predominante na língua oral. No entanto, há um caráter estigmatizante quanto à utilização dessa partícula. Ou seja, apesar do uso deste elemento tanto por adultos quanto por crianças ser um fato até certo ponto natural, a sociedade culta, a escola o rejeita." Formas estigmatizadas geralmente são mais recorrentes na fala de pessoas mais jovens, menos influenciadas pela escola e/ou pelas exigências do mercado de trabalho.⁶ Por outro lado, *então* e *e* devem predominar

na fala de indivíduos de mais idade.⁷ Observem-se os resultados:

Tabela 1:
Influência da idade no uso de *aí*, *daí*, *então* e *e*

IDADE	AÍ			DAÍ			ENTÃO			E		
	TOT./AP.	%	P.R.	TOT./AP.	%	P.R.	TOT./AP.	%	P.R.	TOT./AP.	%	P.R.
15 a 24	1004/310	31%	0,54	1004/160	16%	0,83	1004/113	11%	0,32	1004/461	42%	.49
25 a 49	966/283	29%	0,52	966/27	3%	0,32	966/273	28%	0,59	966/421	40%	.47
+ de 50	952/188	20%	0,44	952/14	1%	0,28	952/289	30%	0,61	952/461	48%	.55
TOTAL	2922/781	27%		2922/201	7%		2922/675	23%		2922/1265	43%	

O peso relativo de 0,54 atribuído à faixa etária de 15 a 24 anos indica um condicionamento favorável relativamente ao emprego do *aí*, confirmando a hipótese inicial. No entanto, informantes de 25 a 49 anos, faixa etária em que esperávamos o favorecimento de *então* e *e*, também inclinam-se ao emprego do *aí*.⁸ Analisando a influência da idade no emprego do *daí*, verifica-se uma acentuada polarização entre os pesos relativos 0,83 e 0,32/0,28, atribuídos a pessoas de 15 a 24 anos e a pessoas de mais de 25 anos respectivamente. Ou seja, falantes mais jovens tendem largamente ao uso da forma em enfoque, enquanto falantes mais velhos (de 25 a 49 e mais de 50 anos) inclinam-se fortemente a seu desfavorecimento.

⁵ Realizamos também várias rodadas enébricas, que confirmaram o quadro de condicionamentos apontado pelas rodadas binárias.

⁶ Corroborar com a hipótese de o *aí* ser mais recorrente na fala de pessoas mais jovens o estudo relativo a essa forma levado a cabo por Silva e Macedo (1989), que concluíram que quanto mais jovem o falante, maior é o uso do *aí*. As autoras obtiveram os seguintes pesos relativos para as faixas etárias que analisaram: 7/14 = 0,70; 15/25 = 0,60; 26/50 = 0,40; mais de 50 anos = 0,30.

⁷ Realizamos alguns testes de atitude com informantes de três níveis de escolaridade (primeiro grau, segundo grau e terceiro grau), de sexo feminino e masculino. Todos os informantes (cerca de trinta indivíduos) consideram *aí* e *daí* relacionados à fala inculta ou à fala informal, ao passo que consideraram *então* e *e* como alternativas mais "cultas" aos dois primeiros.

⁸ É possível que, se houvesse controle de duas faixas intermediárias ao invés de uma, por exemplo, com informantes de 25 a 35 anos e de 36 a 50, a predominância do *aí* em relação às faixas etárias intermediárias ocorresse na faixa de 25 a 35 anos, de indivíduos mais jovens, sendo menos recorrente junto a indivíduos de meia idade, de 36 a 50 anos.

Acreditávamos que houvesse uma forte correlação entre a idade dos informantes e o uso do *então*, no sentido de esse conector predominar na fala dos informantes de mais de 25 anos, o que foi confirmado. É interessante ressaltar a polarização entre as faixas de 15 a 24 anos, com peso relativo de 0,32, e as faixas de 25 a 49 anos e mais de 50 anos, com pesos relativos de 0,59 e 0,61 respectivamente. Essa polarização evidencia que a faixa etária mais jovem desfavorece bastante o uso do *então*. Quanto ao *e*, falantes de mais idade tendem à sua utilização, ao passo que falantes de 15 a 24 anos (0,49) e de 25 a 49 (0,47) mostram uma atuação praticamente neutra referente à forma em questão.

A partir desses resultados, é possível estabelecer o seguinte quadro comparativo:

Quadro 3:

Comparação entre *aí*, *daí*, *então* e *e* quanto ao fator idade

15 - 24 anos	25 - 49 anos	mais de 50 anos
<i>daí/aí</i>	<i>aí/então</i>	<i>então/e</i>

Observamos que o emprego das quatro variantes está correlacionado à faixa etária: *daí* é mais empregado por indivíduos de 15 a 24 anos, *aí* por indivíduos de 15 a 24 e de 25 a 49 anos, *então* por indivíduos de 25 a 49 e mais de 50 anos e *e* por indivíduos com mais de 50 anos de idade.

Se considerarmos que *e* e *então* são, dentre os conectores sob investigação, os mais antigos a desempenhar a função de seqüenciação retroativo-propulsora, sendo os mais recentes *aí* e *daí*, é possível interpretar os resultados relativos ao fator idade como indícios da ocorrência de mudança em andamento no sentido de as formas mais recentes estarem ocupando pouco a pouco o espaço das formas mais antigas, o que pode levar à mudança lingüística: as formas mais inovadoras podem vir a predominar na função seqüenciadora retroativo-propulsora, em detrimento das formas mais antigas.

4.2 Sexo

Em relação às influências do fator social sexo, prevemos um maior uso de *então* e *e* por parte das mulheres, pois trata-se de conectores não estigmatizados, opondo-se a um maior uso por parte dos homens de *aí* e *daí*, conectores considerados de menor *status* social. Nossa previsão é baseada na constatação de Fischer (1958, apud Paiva, 1991) e Labov (1982:78-79) de que formas de maior prestígio social são mais freqüentemente utilizadas pelas mulheres do que pelos homens.

Tabela 2:

Influência do sexo no uso de *aí*, *daí* e *então*

SEXO	AÍ				DAÍ				ENTÃO			
	TOT./AP.	%	P.R.		TOT./AP.	%	P.R.		TOT./AP.	%	P.R.	
Masculino	1352/385	28%	0,53		1352/30	2%	0,24		1352/358	26%	0,56	
Feminino	1570/396	25%	0,47		1570/171	11%	0,73		1570/317	20%	0,45	
TOTAL	2922/781	27%			2922/201	7%			2922/675	23%		

Falantes do sexo masculino tendem à utilização do *aí*, a forma tida como mais estigmatizada, o que vai ao encontro da hipótese delineada acima. Prevíamos um maior uso do *daí* por parte dos homens, com a hipótese de ser esse conector uma forma estigmatizada, do mesmo modo que o *aí*. No entanto, *daí* é favorecido largamente na fala de indivíduos do sexo feminino, sendo desfavorecido na fala de indivíduos do sexo masculino. Já o *então* tende a ocorrer na fala dos homens (0,53).

Como a forma de menor prestígio e a de maior prestígio são mais recorrentes na fala dos homens, decidimos realizar um cruzamento entre sexo e idade, com a hipótese de que homens mais velhos devem tender ao uso do *então*, e homens mais jovens devem tender ao uso do *aí*. O que está por trás dessa hipótese é a idéia de que formas mais estigmatizadas relacionam-se à fala de pessoas mais jovens, como sugerido na seção anterior.

Tabela 3:
Cruzamento entre sexo e idade para o *aí*

IDADE	SEXO		SEXO	
	FEMININO		MASCULINO	
	TOTAL/APLIC.	%	TOTAL/APLIC.	%
15 a 24 anos	492/87	18%	512/223	44%
25 a 49 anos	646/228	35%	320/55	17%
mais de 50 anos	432/81	19%	520/107	21%
TOTAL	1570/396	25%	1352/385	28%

Do total de 396 *aí* encontrados na fala das mulheres, 228 ou 58% estão na faixa etária de 25 a 49 anos. Muitos estudos têm revelado que indivíduos de faixas etárias mais ligadas ao mercado de trabalho, caso de nossa faixa intermediária, costumam preferir formas não estigmatizadas. No entanto, o *aí* é mais recorrente justamente entre mulheres de 25 a 49 anos.⁹ Do total de 385 *aí* encontrados na fala dos homens, 223 ou 58% estão na faixa mais jovem e 162 ou 42% nas outras duas faixas. Esses resultados vão ao encontro da hipótese de que formas mais estigmatizadas relacionam-se à fala de pessoas mais jovens. Os homens mais jovens também usam mais o seqüenciador em questão do que as mulheres da mesma faixa etária: do total de 310 dados referentes à faixa mais jovem, os homens são responsáveis por 223 ou 72%.

⁹ Urge também apontar que outros fatores de natureza social além da idade podem estar interagindo com o grupo de fatores sexo e por isso talvez provocando um desvio dos resultados por nós esperados. Um exemplo de condicionamento que pode estar interferindo é a classe social, não controlada diretamente pelo Banco de Dados do Projeto VARSUL. Haeri (1995), ao estudar os fenômenos de faringalização e palatalização no Árabe do Cairo, destaca que "(...) o comportamento lingüístico de mulheres e homens não pode ser explicado apenas com base no sexo. Sem considerar o papel da classe social, por exemplo, um grande número de padrões permaneceria sem explicação."

Tabela 4:
Cruzamento entre sexo e idade para o *então*

IDADE	SEXO		SEXO	
	FEMININO		MASCULINO	
	TOTAL/APLIC.	%	TOTAL/APLIC.	%
15 a 24 anos	492/63	13%	512/50	10%
25 a 49 anos	646/130	20%	320/143	45%
mais de 50 anos	432/124	29%	520/165	32%
TOTAL	1570/317	20%	1352/358	26%

Do total de 317 *então* na fala das mulheres, 130 ou 41% estão na faixa intermediária e 124 ou 39% estão na faixa de informantes mais velhos. Portanto, mulheres com mais de 25 anos usam mais o conector em questão, num total de 80% dos dados referentes à fala dos indivíduos do sexo feminino. Do total de 358 *então* encontrados na fala dos homens, 165 ou 46% estão na faixa mais velha e 143 ou 40% na intermediária. Somando-se essas duas faixas, obtemos uma concentração de 308 ou 86% dos *então* referentes à fala dos homens na faixa acima de 25 anos, em oposição a 50 ou 14% na faixa de 15 a 24 anos. Ou seja, conforme esperávamos, homens mais velhos usam mais o *então*, forma não estigmatizada.

Destacamos ainda que homens e mulheres comportam-se de modo semelhante ao concentrar o *então* nas duas faixas etárias referentes a indivíduos mais velhos, com mais de 25 anos. Assim, parece que o fator sexo não é tão relevante para o uso do *então* quanto o fator idade, cujos resultados ressaltam a oposição entre pessoas mais jovens e pessoas mais velhas. Corrobora com essa hipótese o fato de que, para o *então*, o fator sexo foi selecionado pelo VARBRUL em sexto lugar e o fator idade em segundo lugar, considerando-se fatores lingüísticos e sociais (cf. Tavares, 1999).

4.3 Escolaridade

Em relação à influência do fator escolaridade no uso dos seqüenciadores retroativo-propulsores, esperamos que *aí* e *daí* sejam condicionados favoravelmente na fala de pessoas de nível de escolaridade primário, pois os empregos não adverbiais dessas formas costumam ser considerados vício de linguagem pelos professores de língua portuguesa em geral, e, à medida que a escolarização avança, a recorrência deve diminuir.¹⁰ Assim, *então* e *e* seriam mais recorrentes junto a pessoas de nível de escolaridade colegial, como alternativas não estigmatizadas de seqüenciar informações. Vejam-se os resultados:

Tabela 5:
Influência da escolaridade no uso de *aí*, *então* e *e*

ESCOLAR.	AÍ			ENTÃO			E		
	TOT./AP.	%	P.R.	TOT./AP.	%	P.R.	TOT./AP.	%	P.R.
Primário	1133/444	39%	0,64	1133/164	14%	0,39	1133/437	39%	0,46
Ginásio	908/171	19%	0,42	908/246	27%	0,56	908/422	46%	0,51
Colegial	881/166	19%	0,40	881/265	30%	0,59	881/406	46%	0,55
TOTAL	2922/781	27%		2922/675	23%		2922/1265	43%	

Conforme a tabela, há uma forte inclinação para que o *aí* ocorra na fala de pessoas de nível de escolaridade primário (0,64), paralelamente ao desfavorecimento a seu emprego na fala de pessoas mais escolarizadas, do ginásio e do colegial. Verifica-se, portanto, que a escola influencia o uso do *aí*: seu uso diminui bastante com o avanço da escolarização. Esperávamos que o mesmo acontecesse com o *daí*. Contudo, o fator escolaridade não foi selecionado para esse conector, o que pode ser uma indicação de que o *daí* é uma forma menos estigmatizada que o *aí* no estabelecimento da seqüenciação retroativo-propulsora. Todavia, é possível que a escolaridade não tenha sido selecionada para o *daí* devido ao menor número de dados

¹⁰ Silva e Macedo (1989:72), em seu estudo sobre o *aí*, apontam nessa direção: "(...) quanto menor for o nível de escolaridade, maior é o uso do conectivo *aí*". Os pesos relativos referentes à influência da escolaridade sobre o emprego do *aí* obtidos pelas autoras foram: 0,55 para o primário, 0,50 para o ginásio, 0,45 para o colegial.

encontrados com o conector em questão em relação aos demais conectores.

Tínhamos por hipótese que *então* seria mais recorrente junto a informantes de nível de escolaridade colegial, o que é confirmado pelos resultados acima: o nível de escolaridade colegial é o que mais favorece a forma em questão, que também é influenciada favoravelmente pelo nível de escolaridade ginásial. Na fala de informantes do nível de escolaridade mais baixo, o primário, constata-se uma tendência à inibição do *então*, indicada pelo peso relativo de 0,39. Para o emprego do *e* tínhamos as mesmas expectativas manifestadas em relação ao emprego do *então*, que foram confirmadas. O nível colegial favorece o *e*, com peso relativo de 0,55. Além desse favorecimento, também há uma leve tendência ao emprego do *e* na fala de informantes de escolaridade ginásial.

5. Considerações finais

Apresentamos abaixo um quadro comparativo entre *aí*, *daí*, *então* quanto à influência dos condicionadores de natureza social sobre a sua utilização:

Quadro 4:

Comparação entre *aí*, *daí*, *então* e *e*: grupos de fatores sociais

Grupos de Fatores	AÍ	DAÍ	ENTÃO	E
Idade	15 a 24 anos 25 a 49 anos (2) ¹¹	15 a 24 anos (1)	mais de 50 anos 25 a 49 anos (1)	mais de 50 anos (2)
Sexo	masculino (3)	feminino (2)	masculino (3)	
Escolaridade	primário (1)		colegial ginásio (2)	colegial ginásio (1)

¹¹ No quadro 4, os números indicam a ordem de relevância dos fatores para cada uma das variantes.

A partir dos resultados para os grupos de fatores sociais, enumerados acima de acordo com sua ordem de relevância para cada uma das variantes, podemos apontar algumas tendências em relação ao uso de *aí*, *daí*, *então* e *e*. *Aí* e *então* são favorecidos na fala de indivíduos do sexo masculino, em oposição a *daí*, que é mais recorrente na fala de indivíduos do sexo feminino. Quanto à escolaridade, o contraste se dá entre *aí*, que predomina na fala de indivíduos do primário, e *então* e *e*, que predominam nos níveis de escolaridade mais altos, ginásio e colegial. A faixa etária mais jovem tende a optar por *daí* e *aí*, a faixa intermediária inclina-se em direção a *aí* e *então*, e a faixa mais velha tende à utilização do *então* e do *e*.

Embora não possamos afirmar acerca dos itens linguísticos sob pesquisa se um deles irá substituir os outros no desempenho da seqüenciação retroativo-propulsora, os resultados para o fator idade parecem apontar nessa direção: *aí* e *daí* (por hipótese, as formas mais inovadoras) podem vir a ocupar o espaço de *então* e *e* (por hipótese, as formas mais antigas) como seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis, pois, quanto mais jovem o falante, maior o emprego de *aí* e *daí*. Para averiguar essa hipótese, faz-se necessário controlar uma faixa etária de crianças, por exemplo, de 7 a 10 anos, esperando aí um grande uso de *aí* e *daí*, o que reforçaria a idéia de que indivíduos mais jovens tendem à inovação. Além disso, faz-se necessária uma pesquisa diacrônica, com o intuito de averiguar a precedência temporal entre as formas no desempenho da seqüenciação retroativo-propulsora, bem como suas relações de variação em épocas passadas.

Os resultados quantitativos obtidos pela aplicação da metodologia variacionista mostram como está delineado o fenômeno de variação entre os seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis. Apesar de não estarmos tratando de uma variável fonológica, mas sim semântico-discursiva, observamos uma forte influência de grupos de fatores condicionadores de natureza social: eles foram selecionados como bastante relevantes para o emprego de *aí*, *daí*, *então* e *e* seqüenciadores. A influência das variáveis independentes soci-

ais sobre o uso dos conectores seqüenciadores retroativo-propulsores indica que não os empregamos simplesmente porque estão disponíveis na gramática: pressões sociais estão fortemente correlacionadas a sua utilização. Portanto, o uso dos seqüenciadores é intercambiável, mas não aleatório: trata-se de um fenômeno de variação linguística.

Referências Bibliográficas

- ABREU, M. T. V. (1992) *Elementos conjuntivos: sua variação em narrativas orais e escritas*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, mimeo.
- DIK, S. (1968) *Coordination*. Amsterdam: North-Holland.
- FISCHER, J. L. (1958) Social influences on the choice of a linguistic variant. *Word* n° 14.
- HAERI, N. (1995) "Why do women do this" - Sex and gender differences in speech. In GUY, G. et alii. (eds.) *Towards a social science of language: papers in honour of William Labov*. Vol. 1. CILT 127. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins.
- LABOV, W. (1972) *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972.
- ____ (1978) Where does the linguistic variable stop? A response to B. Lavandera. *Sociolinguistic Working Paper*, 44.
- ____ (1982) Building on empirical foundations. In LEHMAN, W. P. & Y. MALKIEL (eds.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins.
- ____ (1994) *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell. 1994.
- LAVANDERA, B. (1978) Where does the sociolinguistic variable stop? *Language Society*, 7, Great Britan.
- PAIVA, M. C. (1991) Sexo. In: MOLLICA, M. C. (org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos didáticos da UFRJ. Rio de Janeiro, UFRJ.

- PAREDES da SILVA, V. L. (1991a) A relevância dos fatores internos. In: MOLLIÇA, M. C. (org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos didáticos da UFRJ. Rio de Janeiro, UFRJ.
- PINTZUK, S. (1988) *VARBRUL Program*. Philadelphia: University of Pennsylvania. Mimeo.
- RISSO, M. S., G. M. O. SILVA & H., URBANO (1996) Marcadores discursivos: traços definidores. In KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP.
- SCHIFFRIN, D. (1987) *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SILVA, G. M. de O. & MACEDO, A. T. (1989) *Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais - V Relatório de Pesquisa: Projetos Mecanismos Funcionais de Uso Lingüístico*. Rio de Janeiro, UFRJ, mimeo.
- TAVARES, M. A. (1999) *Um estudo variacionista de aí, daí, então e e como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Dissertação de mestrado. Florianópolis, mimeo. 1999.